

MISTÉRIOS

Contos e Poemas



volume III

organizador

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-46652-1
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O CASO DA RUA DO CORVO, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 05
A DANÇA DAS CABEÇAS, POR ALAN CAMPOS ARAÚJO, PÁG. 08
A MORTE!..., POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 10
ASSIM ME CHAMO!, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 12
DEBRUÇADO NO TEMPO, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 14
INFERNO E GLÓRIA, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 16
AS PROEZAS, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 18
PROCURADO, POR ARIADNEH M CHAVES, PÁG. 20
MISTÉRIOS E ENCANTOS NO CASO DO SENHOR OBESO, POR ARILSON COSTA, PÁG. 26
O FIO MENSAGEIRO, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 31
FORASTEIRA (ASSASSINA/ARTESÃ), POR LAURA BRANCO SANTOS, PÁG. 35
UMA FANTASMA, POR LUIZ OTÁVIO DAMASCENO PINHEIRO, PÁG. 38
O ENIGMA DO PINGENTE DOURADO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 41
QUEM É A LETRA L?, POR RITA DE CÁSSIA ZUIM LAVOYER, PÁG. 43
NOITE E DIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 47
GENTES IDAS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 49
CENÁRIO A PUXAR-ME, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 51
SONHO - O QUE É?, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 53
O DETETIVE DO SERTÃO, POR URBANO SERTÃO, PÁG. 55
INVESTIGAÇÃO ARTIFICIAL, POR URBANO SERTÃO, PÁG. 58
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 62

MISTÉRIOS

Contos e Poemas



volume III

organizador

ADEMIR PASCALE



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Caso da Rua do Corvo

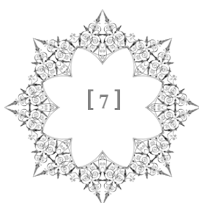
Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura e à escrita, sendo autora de diversos poemas, crônicas e contos publicados. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.



Na rua do Corvo, escura e vazia,
Um corpo foi achado ao nascer do dia.
Sem sangue, sem marcas, sem agressão,
Com olhos abertos em contemplação.
Chamaram um homem de olhar sombrio,
Detetive antigo, da alma em desvio.
"Há algo de estranho", foi seu pensar,
"Alguém quis a morte dissimular."
A vítima era um tal senhor Vicente,
Um velho caduco, mas inteligente.
Muitos diziam que ouvia a lua
E escrevia cartas para todos da rua.
Em sua gaveta, um jogo de cartas,
Algumas queimadas, outras ocultas.
Havia um bilhete num tom cruel:
"Sabes demais. Te espero no céu."
Nenhum sinal de arrombamento,
Nenhum barulho, nenhum lamento.
Mas sobre a mesa, cálice derramado
E do lado um livro aberto e rasgado.
Na contracapa, um nome à caneta,
Igual ao riscado de sua caderneta.
O detetive murmurou, focado:
"Um nome riscado é um nome enterrado."
Visitou vizinhos, todos em pranto.
Mas algo soava forçado e tanto.
Um gato miava sem parar,
Sempre ao mesmo ponto a farejar.
Era no jardim, sob a roseira,
Que o chão escondia a merendeira.
Sumira, mas a história ficou em sigilo.
A coisa toda foi um grande vacilo,

Ali enterrada, uma bengala torta,
Com o sangue encontrado na porta.
Fios de cabelo, um grisalho, outro fino
Ligavam alguém ao mesmo destino.
A esposa falecida, diziam: “*sumiu*”.
Mas sua aliança ninguém viu.
No porão, o detetive vasculhou
Um diário de amor que se apagou.
Nas folhas, palavras como “*vingança*”,
“*Eterno retorno*” e “*última dança*”.
E uma foto rasgada ao meio
De um rosto encostado junto ao seio.
Espantado ele viu, com estranha dor,
O homem na imagem — o investigador.
Mesmo chapéu, mesmo olhar fechado,
Mesma cicatriz num tom avermelhado.
Voltou à sala, trêmulo e só,
Com um frio que gelava até o pó.
Tocou o espelho do corredor...
A imagem se foi — total terror.
Na parede do quarto, escrito a batom:
“*A vida, é ruído sem claro tom.*
Tu és Vicente, esqueceste quem?
Bem-vindo de volta, és tu também.”
E então entendeu — era ele, afinal,
O morto, o louco, no caso criminal.
Revivia o crime a cada manhã,
A história já não lhe era estranha.
Na velha esquina da Rua do Corvo,
Um caso esquecido ainda é novo.
Cada ladrilho parece acusar
Quem ousa por lá investigar.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Dança das Cabeças

Por Alan Campos Araújo

Alan Campos é escritor, professor da escola de Comunicação e Tecnologia da Unicap e game designer (com formação em andamento na faculdade Méliès).

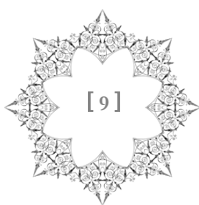
Instagram: https://www.instagram.com/alan_camposaraujo

E-mail: alancampos1965@gmail.com



Essa história se passa embaixo do solo. Nos túneis de cavernas esquecidas existem casas construídas com argilas fétidas e estalactites fossilizados. Lá, cabeças brotam das janelas e sorriem de orelha a orelha, sem medo ou vergonha da celebração que é iniciada por tambores ocos. Cabeças que parecem flutuar na escuridão das profundezas. "A dança das cabeças", pensa o Amigo, o líder desse subsolo. Os corpos saem das casas, revelando mantos brancos, uma centopeia de testas sorridentes marcha ao templo do amigo. O chão de estalagmites perfura os pés, mas as pessoas não se importam: "É dia de agarrar a coruja de punhos cerrados". Do alto da sacada marrom-vermelha, os olhos do Amigo se fecham na torre, esperando. "Há alguém nessa multidão?". No relógio da caminhada, Alan, se lembra dos tempos mendigos: pais e filhos apodreciam na escuridão até que a voz do Amigo interveio e despertou a caverna pela primeira vez: sons cintilantes, frestas de luz branca, gotículas de água com gosto de mel — ah, a fraternidade dos homens. O Amigo era leite na ferida, sua melodia ressoara alto e claro, pessoas largaram seus afazeres e receberam o sorriso do propósito. Mas isso fazia muito tempo e, ao lembrar do início, Alan temeu o fim quando seus pés adentraram, junto com a multidão, na casa da coruja e ele finalmente viu o Amigo: não havia membros, apenas cabeça e tórax colocado sobre uma lasca de mármore. No toco do ombro, descansa a coruja — ela é maior que a cabeça do amigo, seus olhos são azuis como cristais e sua expressão, nula. O Amigo não fala, mas olha para Alan e fecha os olhos. Sua expressão é serena.

Pessoas amassadas no salão oval de pedra gargalham, uma delas retira um pedaço de rocha que havia sangrado seus pés e acerta a cabeça do amigo. Ele cai do mármore. Sangue no chão, a coruja grita e bate as asas para se proteger. Paredes pintadas com o suco humano, batizadas. Pessoas caem no chão, outras arrancam partes da massa de carne com a boca. Alan se assusta, fecha os olhos e tenta se defender, uma pedra acerta sua cabeça e ele desmaia no chão. Sua boca cospe poeira, o cheiro cadavérico ofende seus olhos avermelhados com algumas lágrimas. Ele cambaleia entre cabeças degoladas e sorridentes. À sua frente, a coruja observa curiosa e uma gargalhada explode — o Amigo está vivo. Seu rosto sem dentes não escondeu a satisfação. A dança das cabeças é encerrada. Alan desaba com sua própria visão, seu rosto começa a sorrir e ele vê que não passava de um tronco-cabeça caído esse tempo todo. A coruja prende as garras no resto de ombro e juntos eles alçam voo para novas cavernas.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A morte!...

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância na África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo. Editou dois livros, um de poesia, *As Mágoas que Magoam*, outro de Crônicas, *50 Vidas – Silencio das Almas Perdidas*, pelas editoras Poesia Impossível e Primeiro Capítulo, respetivamente. Participou nos *Contos e Histórias Daqui e D'Além*, da Oxalá Editora, sem contar com diversos trabalhos publicados na *Agenda Jovem*, nos anos 2001 e 2004, e as crônicas no jornal *Destaque*, nos anos 2005 e 2007. Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre.



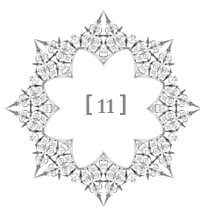
É um fenómeno que vive nas ilhargas dos seres
Pisando o abismo e homenageado pela solidão!
Acreditando ou não...Gargalhará da compaixão
Das criaturas e deixará mágoas nos progenitores

Quando somos donos dos nossos dias da missão
Sempre imploremos a morte maligna na fadiga
Para aliviar esse peso do destino que nos intriga
Sobre as questões do pacto assinado na mansão

À vida!... É uma pedra de injustiça, meus irmãos
Viver sofrendo, não viver alastrando as lágrimas
Nas heranças!... Que Deus nos confiou nas mãos.

Nos meus humildes versos ergo a verdade cruel
Abro o coração sincero, magoado e inconsolável
Com a perda duma amiga eternamente amável

Livro As mágoas que magoam





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Assim me chamo!

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância na África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo. Editou dois livros, um de poesia, As Mágoas que Magoam, outro de Crônicas, 50 Vidas – Silencio das Almas Perdidas, pelas editoras Poesia Impossível e Primeiro Capítulo, respetivamente. Participou nos Contos e Histórias Daqui e D'Além, da Oxalá Editora, sem contar com diversos trabalhos publicados na Agenda Jovem, nos anos 2001 e 2004, e as crônicas no jornal Destaque, nos anos 2005 e 2007. Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre.



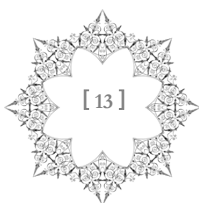
O meu nome chama-se Ninguém, Ninguém!
Aquele que veio do limbo desconhecido
À procura desse fenómeno amargurado
Que imenso tempo esperou por esse alguém

Não sou aquele que tirou a vista do Polifemo
Nem aquele que o mundo inveja e deseja
Sou aquele que passa, mas ninguém o veja
Aquele que vive cevando do psicossomatismo

Triste na minha digressão à terra satírica
Na infelicidade da compaixão pelo outro
Que o destino converteu num desencontro

Não tenho na bagagem mais que uma esferográfica
Sabendo que as batinas já não me pertencem
Por isso só me resta deambular pela margem

Livro As mágoas que magoam





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Debruçado no Tempo

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância na África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo. Editou dois livros, um de poesia, *As Mágoas que Magoam*, outro de Crônicas, *50 Vidas – Silencio das Almas Perdidas*, pelas editoras Poesia Impossível e Primeiro Capítulo, respetivamente. Participou nos Contos e Histórias *Daqui e D'Além*, da Oxalá Editora, sem contar com diversos trabalhos publicados na *Agenda Jovem*, nos anos 2001 e 2004, e as crônicas no jornal *Destaque*, nos anos 2005 e 2007. Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre.



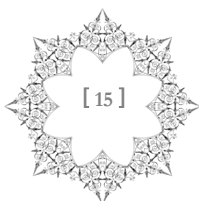
Debruçado no tempo num olhar de desconforto
Onde vejo o vazio, o vazio esse que contemplo
Em cada altitude, vazio que se vive no templo
Vazio que Jesus procurou no deserto faminto

Esse que nos leva até a Meca Vaticano Lourdes
O tempo me chama pelo nome e apelido Cristã
Porque me conhece como amigo de longa data
Porque lhe dou a liberdade de falar as verdades

O tempo seria capaz de felicitar essa santa perdida
Essa semente conquista na revolta desse beijinho
Salivar gosto que despe os olhos em timidez muda

Essa coisa que não se consegue plantar um filho
Desejo de o amar erosão duma mente fechada
Eu queria ser o quem nascer e viver esse espelho

Livro O Ninguém





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Inferno e Glória

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância na África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo. Editou dois livros, um de poesia, *As Mágoas que Magoam*, outro de Crônicas, *50 Vidas – Silencio das Almas Perdidas*, pelas editoras Poesia Impossível e Primeiro Capítulo, respetivamente. Participou nos *Contos e Histórias Daqui e D'Além*, da Oxalá Editora, sem contar com diversos trabalhos publicados na *Agenda Jovem*, nos anos 2001 e 2004, e as crônicas no jornal *Destaque*, nos anos 2005 e 2007. Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre.



Tive um sonho. Sonhei errado, peço desculpa.
O céu e a terra, lado a lado no planeta Terra
Visão essa! Triste, lamentável, ódio, inveja.
Era Esse sonho igual ao do Dante e peço desculpa

Essa visão, as mágoas narradas pela Florbela
Desaguam na face dos demais, pequei, Deus
Erros cometi, injúrias, blasfêmias nesse adeus
Nem sei se as minhas confissões são para ela

Rezei à nossa senhora, pedi clemência a ela
Santa das santas, mãe misericordiosa do Filho
Ungido pelo Senhor como filho único... Dela

Nesse sonho eu e ela lado a lado em conselho
Conversa que me levou a aceitar a realidade
Inferno e glória aqui, em mesma comunidade

Dante: Dante Alighieri, autor de “Purgatório”, parte da obra “Divina Comédia”

Livro Eu o Poeta





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

As proezas

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância na África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo. Editou dois livros, um de poesia, *As Mágoas que Magoam*, outro de Crônicas, *50 Vidas – Silencio das Almas Perdidas*, pelas editoras Poesia Impossível e Primeiro Capítulo, respetivamente. Participou nos *Contos e Histórias Daqui e D'Além*, da Oxalá Editora, sem contar com diversos trabalhos publicados na *Agenda Jovem*, nos anos 2001 e 2004, e as crônicas no jornal *Destaque*, nos anos 2005 e 2007. Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre.

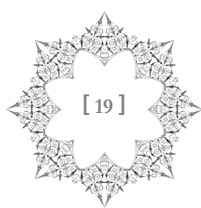


Ao longo da minha existência só tive palavras
Essas que levo às costas e à mão como riqueza
É com elas que alimento a minha alma, tristeza
As moedas, as casas e o ouro são só pólvoras

Sonhei andar entre os esplendores das luzes
Caminhar a nadar na companhia dos anciãos
Com questões sem respostas exatas nas mãos
Nada palpáveis a contar, a desenhar nas cruzes

Se um dia as minhas palavras tiverem valor
Serão lembrados aqueles que de mim espero
Camões Igual Efeito e a fama ganha em calor

As proezas contadas repetiram de boca em boca
Em lira cantando as proezas como as do Homero
Dar a conhecer aos futuristas a existência louca





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Procurado

Por Ariadneh M Chaves

Ariadneh M Chaves é Mestra em Teoria Literária e Crítica da Cultura, Licenciada em Letras- Língua Portuguesa e Suas Literaturas e Bacharela em Direito. Ama participar de cursos e oficinas literárias! Encontrou nas Antologias uma forma de divulgar seus escritos e já publicou contos e poemas em diversas Antologias. É uma aquariana apaixonada por livros e que além de Leitora, tornou-se Professora de Literatura e Autora! Uma autora de Fantasia... Viajando por Ficção e Poesia! Instagram: @ariadnehmchaves



Num dia como outro qualquer, um palhaço sorria ao desfilas com longas pernas de pau. A seu lado, uma moça e um carrinho de pipoca e, junto a ela, um menino distribuía panfletos circenses. Eles acenavam sorridentes segurando cataventos. Do outro lado da rua, um idoso olhava atentamente a cena. Em seu carro, não visualizava o nome do circo divulgado. *Talvez fosse a hora de trocar os óculos*, pensou. Todavia, o que lhe importava era encontrar um determinado Circo.

Lembre-se da pipoca... Ele anotou no folheto, após retornar ao carro e ajeitar os óculos redondos na face, enquanto comia pipoca. Estava cansado, chegara de uma cidade vizinha, onde fora a um circo e havia retornado como sempre: sem sucesso, mas com anotações. Imerso em pensamentos, sobressaltou-se ao ouvir um teco-teco que cruzava os céus anunciando no megafone a chegada de um circo. Mas, identificou somente as mesmas palavras de sempre: “Encanto! Alegria! Felicidade!”

Contudo, Vitor, detetive aposentado, seguira os passos de seu avô, Sr. Vitório, e sabia que circos eram diferentes e não apenas porque os espetáculos mudavam. Quando trabalhava, era especializado em casos ocorridos no meio circense. E, obviamente, aproveitava dias de folga e férias indo ao circo. Essa era a busca da sua vida, a qual havia se tornado mais itinerante que qualquer circo que já conhecera. Essa fora a missão que recebera das mãos de seu falecido avô.

Mais tarde, no escritório, guardou esse papel em sua bolsa de arquivos, repleta de panfletos de circos de diferentes épocas. Ali continha dados coletados por seu avô, por seu pai, por ele e por outras pessoas... Pois, sempre achava algum cartaz rabiscado. Nesses documentos encontravam-se anotações sobre o show, as roupas dos palhaços, os alimentos vendidos no local... Até *souvenirs*... Aquela bolsa era sua herança, seu mais precioso tesouro, e poderia levá-lo àquele Circo!

Vitor não sabia exatamente o que acontecera e, provavelmente, ainda acontecia por lá, mas era algo excepcional... tecnologia do futuro ou magia. Aqueles circenses até podiam ser de um mundo paralelo... Talvez, o encanto fosse nas tendas... Ah, aquelas lonas! Se ao menos soubesse os detalhes exatos delas... Mas, não sabia nem ao menos o

nome daquele Circo! Seu avô, Sr. Vitório, cometera uma falha, a única de sua vida e ele mesmo reconheceria: não anotar o nome!

No fim de semana, Vitor olhava a propaganda do circo, com o misto de expectativa e angústia de sempre. *Quem sabe... desta vez?* O pensamento inebriou seu ser. Mas, podia ser um tempo perdido, no qual poderia ter ido a outro circo. Abotoando o pulôver, respirou profundamente e pegou sua bolsa carteiro. Ele dirigia ansioso rumo ao circo, levando Dona Carminha, sua namorada, e a filha dela, uma triste moça. Precisava, por elas, ainda mais, achar aquele Circo.

No local, via uma enorme fila para a qual se dirigia a senhora Carmem e sua filha descontente. *Tadinha, estava estreando nos cabelos os laços amarelos que lhe dera de aniversário, mesmo assim ainda parecia triste. Somente aquele Circo poderia alegrar sua tristeza...* Suspirou enquanto ia à fila das quitandas circenses. Mas, silenciou-se, arrependido de ter dito aquilo em voz alta. E disfarçou, porque a fila estava grande e havia pessoas bisbilhotando ao redor.

Ah, pipocas! Vitor nunca deixava de degustá-las! Mas, para seu desgosto podia perceber diversas pessoas igualmente comendo pipoca! Sempre via pessoas agindo assim, em diversas cidades e circos. Provavelmente, procuravam aquele Circo, mas também não sabiam o nome. Ele lamentava em seu coração que, assim como seu pai e seu avô, não achara o circo, apenas vestígios... Sempre um papelzinho, em algum canto. E ele... *Ah, só queria juventude e saúde para recomeçar a vida com Carminha e ser feliz!* E, colocando uma pipoca amanteigada na boca, saiu rapidamente dali, pois outra vez tinha pensado em voz alta.

Vitor manobrava pipocas e refrigerantes nas mãos e assoviava seguindo para a bilheteria. Ele imaginava que as duas já estariam com os ingressos na entrada das tendas e resolveu cortar caminho próximo ao estacionamento, passando o olhar curioso pelo comboio de trailers coloridos, ao qual não tinha acesso. De repente, uma circense de *tailleur* brilhante passou por ele depressa. Chamou-lhe a atenção como a plumagem do chapeuzinho que ela ostentava esvoaçava-se ao vento... Logo, percebeu que o tempo não estava bom e que se esquecera de trazer o guarda-chuva!

Subitamente, um palhaço apareceu na sua frente oferecendo cataventos! Que raiva sentiu quando o olhou! Aquele comprido nariz vermelho que parecia seu dedão do pé se destacava mais que a grande boca vermelha com cantos levantados. Aquele *smoking*... quase lembrando uma roupa antiga de um lorde, só que todo colorido. Ele reconhecia aquela imagem de outros circos! Olhando-o, Vitor vivenciou antecipadamente a angústia que sentia ao chegar em casa após estar no circo errado. E, furioso, saiu da frente dele na mesma hora, ignorando-o com toda a sua força de vontade!

Raivoso, andou rapidamente em direção à bilheteria, na intenção de arrastar Carminha e a filha para casa, mas não as viu. Achou uma fila lotada de pais com crianças e os mesmos grupos de sempre: idosos, doentes, investigadores, jornalistas... e curiosos. Eles estavam em todos os lugares! Alguns rostos até se repetiam, o que claramente demonstrava que a notícia estava se espalhando e que o número de concorrentes aumentava a cada dia. E todos carregando um saquinho de pipoca! Na raiva, Vitor errou de saquinho e começou a comer a pipoca caramelada da triste enteada. *Carminha só podia estar na tenda!- Raciocinou -Já que ela estava na frente do homem de camisa azul brilhante e o mesmo, com um semblante cansado já mancava em direção às lonas.*

Olhando a fila viu um monte de meninos que perderam a sessão e ficaram para a próxima. Então, lembrou-se de que o primeiro menino estava atrás do senhor de camisa azul brilhante. E num impulso, acenou para ele esperar que lhe daria seu ingresso. E parecendo fora de si, Vitor furou a entrada da bilheteria, atravessando o pátio onde muitos artistas estavam. Nem prestava atenção neles, pois, podia até oferecer, a quem quisesse, *spoilers* das atrações... Talvez fosse mais circense que os próprios...

Na pressa, quase desmoronou as bolinhas que rodavam no ar pelas mãos de um menino que cruzou seu caminho. Na correria, não percebeu quando derrubou os copinhos de refrigerante, ao se embolar num bambolê, atrapalhando uma cena romântica entre acrobata e contorcionista. Ligeiro, seguia em direção às tendas, em cujas lonas já se via um breu. *Já haviam apagado as luzes! Precisava tirar Carminha e a filha dali! Era um desaforo participar daquela sessão! Uma perda de um tempo tão precioso!* — Ele pensava correndo do palhaço que o seguia balançando cataventos coloridos.

— Respeitável público! O nosso espetáculo vai começar! — Essas eram as palavras ouvidas enquanto ele adentrava o auditório correndo alucinadamente.

No escuro, Vitor tentava localizar alguma camisa azul brilhante, pois aquele senhor poderia estar próximo à Carminha e à filha. Mas, estava difícil distinguir as coisas, ainda mais com as risadas daquele palhaço que corria atrás dele, provavelmente querendo seu ingresso.

— Cataventos! — Vitor ouviu o palhaço oferecer.

Enlouquecido virou-se para brigar. Apesar das mãos sujas de caramelo, da pipoca, abriu a preciosa bolsa prestes a balançar na cara do palhaço suas anotações e gritar o quanto aquele ser risonho o estava prejudicando. Inesperadamente, um vulto rápido passou por ele como uma brisa veloz! Nessa hora, Vitor se alarmou e sua bolsa caiu no chão, em meio à penumbra circense, espalhando todos os seus documentos coletados durante vidas.

— Seu palhaço! — Vitor gritou insanamente, tentando tirar das luvinhas coloridas um de seus papéis.

O palhaço lia curioso o panfleto e em pleno desespero Vitor percebeu, apesar da escuridão, que outros já tinham pego muitos papéis seus do chão e saído correndo do circo... Em meio a esse alvoroço, um vento forte balançou as lonas, atravessou a tenda, arrancou o grande laço do pescoço do palhaço e levou pelos ares o resto dos papéis de Vitor.

A ventania fora forte também do lado de fora e o laço do palhaço parou nas mãos de um do menino que perdera o espetáculo e olhava fixamente para as tendas, como se aguardasse alguém. Próximo à fila, outro menino ajudava o pai a pegar alguns papéis de circo caídos no chão e com cara de estranhamento olhava a fachada de luzes coloridas que envolvia as lonas e esperava todos aqueles idosos e crianças saírem para poder entrar.

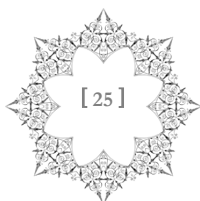
Contudo, não viu as mesmas pessoas que entraram saindo. Pelo contrário, saíram pelas lonas um enorme número de pessoas jovens e alegres. Dentre elas, um rapaz de camiseta azul brilhante, que corria sorrindo! De repente, um vulto rápido passou por esse menino, que, ao olhar, viu uma palhacinha com cachinhos curtos e coloridos cobertos por uma cartola. Ela rodopiava em um monociclo elétrico tão tecnológico que parecia ter vindo do futuro e balançava cataventos!

Atrás dela, uma menina sorridente exibia os laços amarelos de seus cabelos e corria até sua mãe, uma jovem que saboreava pipoca enquanto caminhava abraçada ao namorado, cujos óculos redondos estavam pendurados em seu pulôver.

— Meu laço! — exclamou um palhaço sorridente que surgiu de supetão, enquanto pegava o adereço das mãos de um menino e vendo o semblante de estranhamento do outro, afirmou:

— Você nunca verá um circo tão mágico quanto o nosso!

Saindo do local, ao final da segunda sessão, o menino e seu pai, que guardaram alguns panfletos rabiscados, iam ao longe as tendas luminosas e o palhaço do laço grande sorrindo ao se despedir de pessoas jovens e idosas que estavam no espetáculo ao qual assistiram. O menino ainda tentou ler o nome do circo, mas, o letreiro luminoso ofuscou seus olhos. Próximo a eles havia um carro, cuja pessoa ao volante também tentava ler o nome do circo, enquanto anotava dados em um panfleto circense e comia pipoca. Em seus papéis já rabiscados, a pessoa se esmerava para entender as palavras escritas nos panfletos: *estranhamento, pessoas jovens e alegres... será a pipoca?*





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Mistérios e Encantos no Caso do Senhor Obeso

Por Arilson Costa

Arilson Costa, tem 55 anos, nasceu em Xique-Xique – BA, é professor, está Conselheiro Tutelar, formou-se técnico em contabilidade pelo SENAC no Colégio Municipal Senhor do Bonfim, cursou Letras na UNEB, Pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura, atuou como professor da rede Pública Municipal de Xique-Xique e licenciou-se da rede em 2021, por ter sido escolhido por membros da sociedade para representá-los no Conselho Tutelar. Mas continua com o sonho de ser contista e poeta.



Certa manhã, Dona Santinha acordou de sonhos perturbadores como se tivesse dormido ao relento e saiu pelo quintal da sua casa que dá fundos à ipueira de Xique-Xique, foi até a beira do rio, sentou-se a um lajedo e olhou na linha do horizonte, em direção a cabaça que servia de boia para uma rede, jogou pipocas no rio, como se quisesse confessar algum pecado às águas ou às gaivotas que pairavam sobre a morada do nego d'água (as águas). Ela a encarou. Havia algo em seus olhos, uma espécie de preocupação histórica, que ela jamais vira antes e que o inquietava. Não falou nada. Santinha era mulher de prosa, risonha, e não tinha o silêncio como companheiro.

Por muito tempo aquele lajedo, sem dizer nada, suportou o peso daquela senhora pesada, calada e solitária: que hipnotizada pela paisagem; ou quem sabe encantada pelo canto da mãe d'água que apenas ela ouvia, e, assim --- meio a esmo --- ela ficava tentando enxergar o invisível nas profundezas das águas barrentas do rio. Assim que a lua se desfazia da Ipueira, lá estava ela e, dessa forma, ficava até o sol se acortinar atrás das dunas do Velho Chico. Essa peregrinação se repetiu por vários dias, até encontrarem um corpo jogado ao rio --- corpo de um senhor truncado de pele clara.

Era manhã de sexta-feira chuvosa. No romper da madrugada uma pescadora saiu para olhar sua rede, cedo, como de costume. Atravessou o rio para a outra margem e subiu às águas até emparelhar com um pé de araquá num lance de rede, ali se deu início ao levantamento da rede. Logo que iniciou, a pescadora sentiu grande satisfação e anseio de pegar um peixe grande, pelo peso que a rede lhe oferecia. Para surpresa dela, que aguardava o animal lançar o rabo para fora e emergir o lombo até a veia d'água, ao invés disso, apareceram objetos que prendera na rede: uma roda de carro amarrada numa lona em formato de embrulho para presente. Ao abrir a lona o susto foi tamanho que o cachimbo de barro, chupado de canto de boca pela pescadora, desabou e veio ao chão, quando deu fé, dentro da lona havia um corpo largo, gelado igual uma coalhada no caco, pesado e intacto feito um presunto fresco, exceto uma rachadura --- lá nele --- da cabeça até por perto dos queixos, que mudou as feições do morto. Pelejaram para recordar as feições dele, e o que figurava como visão era de um homem sem cara. Por isso, não houve reconhecimento do corpo por parte das pessoas que presenciaram o fato. Com isso, fizeram o sepultamento do corpo indigente, próximo ao local o qual foi encontrado, na Ilha do Gado Brabo, sem direito a necrotério, sem direito a estudo das causas da morte ou até mesmo de pesquisa aos alunos de medicina. Era um cadáver sem atestado de óbito, sem família, sem lar, apenas as flores nativas do alagadiço o faziam companhia.

A partir desse dia, Santinha deixou de ser sensitiva, passou a ter o silêncio como companheiro e metamorfoseou-se numa mulher calada que não ria mais. Ela pedia para que a felicidade voltasse novamente em seu peito viver. Santinha se tornou “Esse lenho seco”, nada brotava dali, nada de novo surgia dali.

Mesmo se tornando uma mulher triste, Santinha, a esposa do Senhor Obeso, tinha seus momentos de prazer, uma espécie de parafilia o fazia perder o senso. Ela gostava de pipocas e quebra-queixo, por isso, todos os dias, o pipoqueiro estacionava seu carrinho na frente da casa dela. Lá, ela oferecia suco, bolo e outros mais alimentos que pudesse agradar ao pipoqueiro, e passava horas ao lado do tabuleiro de quebra-queixo. Talvez, desejando comer aquela guloseima e, em seguida, gozar, com o prazer que o doce proporciona. Por causa dos prazeres que o pipoqueiro lhe proporcionava, certa feita, Santinha, percebendo que o carrinho dele estava meio surrado, resolveu presentear com um carrinho novo.

Dias se passaram e pessoas próximas ao senhor Obeso, marido de Santinha --- homem sisudo e inexorável. Ele cumpria o ofício de feirante, vendedor de tempero em toda região de Xique-Xique e Irecê, no estado da Bahia --- começaram a sentir sua falta, a notícia do sumiço dele e de que poderia se tratar de um latrocínio trazia implicações macabras. Daí o compadre do desaparecido, homem de grande benevolência, soube notícias desse corpo largo que fora encontrado no rio, e, a partir daí, pediu investigação policial.

A polícia abriu investigação sobre o caso de desaparecimento do Senhor Obeso. Dentro dessa investigação, pediram para desenterrar o corpo empacotado que foi encontrado na Ipueira, para um novo reconhecimento. A esposa (Santinha) e o enteado do Senhor Obeso foram contatados pelas autoridades locais, e convocados a comparecer na delegacia para reconhecimento do corpo grosso do finado, que fora desenterrado. No primeiro momento, com aqueles olhos frios, ela disse não conhecer e negou aquele corpo ser o seu marido, tentando persuadir, quem a investigava; ela retorcia as mãos em sinal de nervosismo, como se houvesse algo que ela não quisesse falar ou alguma coisa em que não quisesse acreditar, e reagiu com veemência feita pedra de atiradeira:

---“seria bom se a polícia cumprisse seu papel e encontrasse meu marido e não ficar achando que todo corpo que aparecer boiando seja o dele, e com o tempo, certamente encontrarão vivo” --- Disse Santinha ao policial. Porém, ele (o investigador) não acreditou nela, pois com a experiência dos longos anos de investigação sentiu tom

ameaçador disse que ela estava mentindo por não saber dizer quem era aquele corpo que foi desenterrado. Quando Santinha ouviu a acusação do policial, sentiu faltar-lhe o ar, sua fisionomia transfigurou-se, dando pistas de que teria participação no sumiço do Senhor Obeso.

Com as informações colhidas sobre Santinha, daqueles dias de meditação ou arrependimento, em que sentada num lajedo à beira do rio alimentava peixes com pipocas, despertou suspeitas ao investigador de que a família tinha participação no crime. Assim, ele, o investigador, deixou Santinha falar à vontade, porque sabia ele, que se soltar a cabra na capoeira, ela saberá encontrar a rama. Nem precisou de ampla investigação ou até mesmo pressão, para a dupla confessar o crime premeditado:

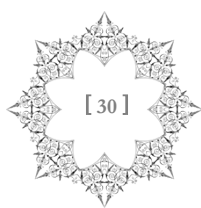
---- “Por volta das vinte duas horas eu coloquei o sonífero no suco e ofereci a ele, assim que tomou entrou em sonolência, arrastamos para o quarto e jogamos na cama, botei uma água para ferver, enquanto isso meu filho amarrava ele; em seguida, eu liguei a vitrola no último volume, para que os vizinhos não pudessem ouvir gritos, se houvesse; e preparamos os porretes. Logo que despejei o líquido fervendo no seu ouvido, ele começou a estrebuchar. Aí, meu filho, cobriu de cacete esfacelando a banda da cara, abrindo uma rachadura da cabeça até aqui no queixo --- lá nele. Não sei se já estava morto quando embrulhamos numa lona, amarramos a uma roda de carro e por derradeiro lançamos o corpo na Ipueira para ocultar o cadáver. Espero que tenha sido uma morte sem intermitência, porque seu fôlego não suportaria muito tempo embaixo d’água. E, por tudo isso estou aqui me confessando” --- disse Santinha, também, no dia do julgamento. Dando, finalmente, direito ao senhor Obeso, mesmo sem família e sem lar, a um sepultamento digno com direito a cova funda, cruz, velas, coroa, inscrição e atestado de óbito. Apenas as flores nativas do alagadiço não poderiam o acompanhar para lhes fazer companhia.

Porém, a família não teve o direito de anunciar nota de falecimento na única rádio difusora da cidade A Voz da Liberdade; nem de velar seu defunto na sala de casa, oferecendo café com leite para quem é de café e licor para os que bebem o defunto, durante a noite; nem chamar o padre para encomendação da alma e realizar o féretro pela manhã cedo, possibilitando a vinda de muita gente para apertar-lhes as mãos em pêsames. Pois, há muito tempo, ele próprio, Senhor Obeso, morrera para a sociedade.

Por isso, talvez, o espírito do Senhor Obeso, num momento transcendental, esteja pairando sobre as águas da Ipueira feito gaivota, sem temer as carrancas das proas dos barcos. Porque deve ser doce morrer nas águas da Ipueira do Velho Chico, nos braços da

Mãe D'água. E lá, poder ouvir o apito do vapor encantado, poder se encontrar com a serpente encantada da igreja da Ilha do Miradouro e Juntos brincarem com o Nego D'água, depois que o sol se pôr, na escuridão da noite, debaixo das águas barrentas, para que os olhos da humanidade não possam ver. Certamente, o Senhor Obeso não pôde embarcar no vapor gaiola encantado, aquele que passa apitando, sem camas e sem retrato nas paredes, dentro dele só há redes balançando redes, que passa recolhendo as almas daqueles que morrem afogados pelas águas do Velho Chico. Ele ficou de fora do vapor gaiola encantado porque não morreu afogado pelas águas do Velho Chico, fizeram parar de respirar através de pauladas, o Senhor Obeso foi traído e assassinado covardemente, depois jogado ao rio, isso não é uma constante nas águas da Ipueira do Velho Chico, e essas coisas não acontecem por aí, naturalmente.

Depois da confissão, ela e o filho foram condenados em júri popular e sentenciados a doze anos de reclusão em regime fechado. Certamente, uma paixão desenfreada quem levou Santinha a dar cabo no marido. Porque segundo as escrituras: Quem não sabe ter, até o que tem lhe será tirado. Durante muito tempo o pipoqueiro continuou levando pipocas e quebra-queixo para ela, na cadeia, saciando seus desejos, dando-lhe prazer e provocando ciúmes a Zeca Diabo, como era chamado o carcereiro da delegacia, que, também, prestava lhe favor e satisfazia os desejos de Santinha. Mas, ninguém soube quantos elementos amaram aquela mulher. Quanto ao caso há versões variadas. Mas uma mentira muito propalada vira uma verdade mentirosa. Segundo um filho de pescador, o caso verdadeiro passou-se assim.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O frio mensageiro

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Homem de lata foi o robô das inferiores dizimantes.

Lata do banho de prata foi o enviado do reino da tribo sem coração.

Embora a utilidade da visão do artificialismo, enxergou caminhada oposta ao imbecil da reza inversa. E continuou procurando invertidas pegadas nas areias mal traçadas. Mas o seu faro da magia dos magos sem coração, emprestadas bússolas e orientação, guiaram-no em metálica decifração.

E o falso homem da pinturagem da falsa prataria chegou à casa da antiga despedida: agora, de frente à ausência das costas do caminhante do tudo em direção ao nada.

O ancião que primeiro o receberá já, há muito, este encontro concebera: só que, em ilusões de sonhos ou em remansos de pesadelos, em viagens de esclerose, a mente perdera. Apenas o sorriso das brancas barbas acenaram sopro de recepção ao do ferro velho, vil esquadrão. Vil esquadrão? não era um só homem de lata da má prata? sim, mas o seu frio cérebro de ausência da esclerose nos condutos da traição, possuía a programação da destruição. E então, não é essa programação da desgraça um só esquadrão de fumaça? esquadrão de fumaça, ora, direis, mas que combatente sem couraça! Sim, isso direis, mas esquecei-vos, carapaças de ilusões, que a dissimulação da má ação é pior que veneno enterrado. Veneno enterrado? sim, esse pode ser de sorvo escoraçado por sorte da liquidez mas, e a dissimulação da programação? a este não escapa a solidificação da destruição, nem o da “sorte” da fuga do acaso, nem o de pés ligeiros, nem o dos confrontos evitantes: não estão sempre presentes? sim, não estão ausentes, mas sempre presentes à programação da destruição.

Ao após o ancião da demência, afastado que fora pelo da ilusão, chegou a filha da inquietação: onde está o meu “bom” João?

O teu “bom” João, respondeu o da dissimulação, em voz de metálica fria e feia disposição, o teu bom companheiro escravizou-se das riquezas das falsas ilusões: ao adentrar nos inferiores porões, o vácuo do nada entronizou-o no trono da dissipação. Então, como rei do seu reinado de ilusões no nada do seu território, consome-se em lembranças da “antiga pobreza”, hoje, sua maior fortaleza.

Apenas isso respondera à boa Maria, companheira, agora, da aflição da deserção do “seu” João.

Ao após a fêmea, pequena menina, a do coração agrandado pela dor da lembrança e apequenado pelo calor do carinho da recordação do seu pai João olhou ao sem coração e disse:

— Roubaste-me o meu pai e o meu coração?

— Enlataste-o como isca atraída à lata da má conserva?

— O vácuo do nada sugou-o do meu coração do tudo?

— A ausência do seu amor foi sentida com a tua presença da tua feia e fria companhia.

— Não és substituto de prata enlatada a meu ouro do meu tesouro.

A esses considerandos, o enviado do sem coração e também sem agente de emoção, entregou-lhe (à pequenina) mensagem escrita com tintas de sangue em placa de lata:

— O teu pai escolheu costas de adeus à tua frente de carinho.

— O teu pai escolheu frente da falsa prata às tuas costas de conforto.

— O teu amigo queimou pés descalços em areais dos perdidos encalços.

— No fim da minha deserção encontrei o funil do dragão. Por ele fui escorraçado do teu reinado.

Filha, filha minha de minha carne das gerações.... sangue, sangue meu, do meu antigo lar de oração..... ternura minha, minha pequenina, diz a esse ambulante das amarguras que a ti, por seres celeiro do lar do amor, o Senhorio das Alturas permitiu a mensageiro do artifício que te entregasse esse bilhete de lata enferrujada:

— Foge da má cilada e estaciona carinho no meu antigo ninho.

— Acompanha a ternura da flor no meu antigo vaso quebrado.

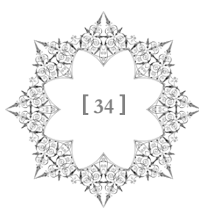
— Perfuma o teu avô dos dias cansados com a tua vivacidade da santidade.

Carne minha, gerador dos meus dias do “por enquanto”, que poderei fazer para quebrar esse meu encanto? assim, a pequenina, em luzes de dor, contorcia-se em choros de lamúrias.

A sua dor foi tanta e o seu calor do amor tão contagiante que, ao olhar ao do sem coração e, ao da lata, feio vilão, viu-o brilhar no lugar do coração: e daquele eco oco, saltou o pai e o avô e a sua mãe. Toda a família lhe chegava, sem mentes doentes e só com espirros contidos. Espirros contidos? sim, daquele antro do nada não espirrara a família do tudo?

Como isso entenderes, descrentes desses encantos? ora, se tiverdes ainda ouro de raciocínio em vossa lata de ferrugem, sabereis que o pesadelo o era da menina e, ao dilacerado no mundo da maldade do vácuo do sorvedouro do matadouro, sonâmbulo do quarto ao lado, apenas sonhara parte daquele pesadelo e fração do seu sonho de ilusão.

Eu, O Labirinto.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

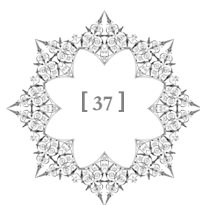
Forasteira (assassina/artesã)

Por Laura Branco Santos

Historiadora e professora pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), apaixonada por símbolos, poesia e política. Escreve seus textos entre os gêneros drama/terror, sendo estes marcados pelo seu longo quadro de depressão, sentimentos de não-pertencimento, dissociação e agonia. Possui como principais inspirações para seus textos: Hilda Hilst, Carlos Drummond de Andrade, Louise Glück, Ocean Vuong e as obras da cantora Halsey (musicais, escritas ou pintadas), da qual é fã há 10 anos e se possui enorme identificação.

meu coração está nos braços, atira
eu cansei de me matar
canei de esperar algum recado
onde estiver, não se esconda de mim
porque eu nunca emiti uma palavra
estou sempre brincando com facas
não consigo limpar o chão
em toda lua nova eu me jogo
mesmo no sono, me mostro
como eu tenho medo de ser
a alma está dentro dela
a alma trocou de lugar
tentaram me matar numa linha de trem
eles não sabem se a outra voltou
mas se escondem nos meus olhos
eles esperam nos meus olhos
nós duas aparecermos
então não se esconda de mim
não me mate no quarto
eu nunca emiti uma palavra
há a assassina e a artesã aqui
a que destruiu meu rosto
a que costurou de novo
pintei as esferas com o sangue que pude colher
mas não diga uma palavra
estou criando estátuas
não diga uma palavra
estou batendo no meu rosto
numa linha de trem
com um machado
estou voltando como forasteira
e eles não sabem se a outra voltou comigo

mas se escondem nos meus olhos
eles esperam nos meus olhos
nós duas aparecermos
mas vocês nunca vão ver
acho que esse é o segredo
vocês nunca vão saber
que meu corpo pesa nessas duas pontas
que eu me misturo dentro dessas ondas
vocês nunca vão saber
que quem sobreviveu foi também quem caiu
a assassina colheu seu próprio corpo
a artesã teceu tudo de novo
e eu quero um ponto azul no alto do meu quarto
quero conseguir sentir o afago
eu quero conseguir falar o que eu sinto
porque nunca emiti uma palavra
a artesã e assassina
numa linha de trem
não diga nada
eu me acertei na cabeça
numa linha de trem
mas não falo nada
e eles continuam esperando, nos meus olhos
nós duas aparecermos
eu sigo cantando em silêncio
meu coração está nos meus braços
(atira)
quem sobreviveu foi também quem caiu
mas eu não pude contar nada.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Uma fantasma

Por Luiz Otávio Damasceno Pinheiro

Luiz Otávio D. Pinheiro, engenheiro com especialização em Business e em RH. Escreve textos de humor reflexivo. Tem publicado "Sexo, Mulheres e Ecologia" e "Positivamente" pela editora Litteris. Músico, pesquisador e palestrante sobre The Beatles, faixa preta de judô e ex remador. Tem curso de detetive particular e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. E-mail mktstudio41@gmail.com



Quando menino fui abraçado por um fantasma, uma fantasma, para ser mais preciso. Aconteceu mais de uma vez em sessões de materialização organizadas por meu pai. Ela dizia se chamar Raquel — bailarina espanhola. Como o fenômeno ocorria no escuro, sua presença era notada quando a sala era invadida por um perfume inesquecível. “buenas noches” era só o que ela murmurava, me abraçando na chegada e “adios”, quando partia para o seu destino incerto no além ou algo assim.

Muitos anos mais tarde, vivendo intensamente as noites cariocas, numa festa monotonamente divertida, percebi um rosto diferente entre luzes, reflexos e espelhos. Linda, porém, acompanhada, ou melhor, rodeada por vários pretendentes que se sucediam à sua volta.

O fato de ela não ter me notado não me desanimou. Fiquei observando-a o tempo todo, ora de perto, ora de longe, ora em pé, ora sentado, aguardando uma chance para abordá-la.

De repente, ela se levanta, se encaminha na minha direção, dá um sorriso largo, envolve meu pescoço e fala ao meu ouvido “buenas noches”. Fomos dançar. Tentei puxar conversa, mas apenas obtive como resposta olhares sensuais e enigmáticos. Seu perfume não me era estranho e a forma de me abraçar, também não.

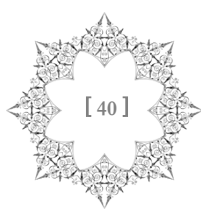
Após meia hora de dança, tendo começado a tocar lambada, paramos. Antes de deixá-la, dei-lhe meu telefone e recebi mais um sorriso — nenhuma palavra.

Voltando do bar, onde fui matar minha sede, não a vi mais na mesa, nem em outro local. Procurei em vão. Havia sumido como por encanto. Perguntei por ela ao organizador da festa: “É a primeira vez que veio. Chama-se Raquel, é espanhola. Acabou de ir embora, parece que viaja amanhã para não sei onde”.

Rápido, corri até a rua e cheguei lá ainda a tempo de vê-la partindo ao volante do seu carro. Sorrimos mais uma vez e ela me falou “adios”. Senti o seu perfume ainda em mim. Sim, a fragrância era a mesma. Ao que tudo indica, parece que não só quando menino fui abraçado por fantasma. Sei não...

Ao ter lido o texto acima, lhe ocorreu alguma situação em especial? Foi algo que você vivenciou, viu, leu ou ouviu? Faça uma série de suposições sobre o acontecido e tire algumas conclusões correlatas. Faça algumas perguntas íntimas, a começar por esta: Por que você pensou logo nisso agora? Não precisa responder, apenas pense no assunto. Pense. Isto será o bastante. O resto é com você. Dino Buzzati escreveu certa vez sentir

que sempre tem um homem ou uma mulher lhe espiando, mesmo nas horas mais estranhas. O mesmo acontece com você? Por quem você se sente espiado até nas horas mais estranhas? Um policial, sua atual paixão, sua ex-paixão, Deus? Ou você nunca se sente espiado? Quem sabe, só às vezes? Haverá alguma explicação, lá no fundo, uma causa? Isto lhe perturba? Pense sobre estas questões. Não precisa responder para mim, mas não será mau comentar o assunto com alguém em quem você confie. Pense nisso, inclusive nessa última sugestão. Sem compromisso, apenas pense.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Enigma do pingente dourado

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



Era uma manhã como qualquer outra quando percebi que algo estava errado. O pingente dourado, uma relíquia de família, tinha sumido da caixa de joias. Este objeto não era apenas de grande valor material, mas também carregava um significado emocional inestimável. A família inteira estava em alvoroço, e ninguém parecia ser suspeito. Como algo tão precioso poderia simplesmente desaparecer?

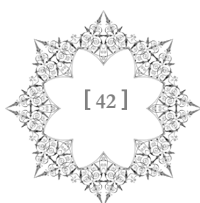
Iniciamos uma investigação meticulosa. Revistamos a casa de cima a baixo, perguntamos a todos os que estiveram por perto, mas não encontramos nenhuma pista. O mistério só aumentava, e o desespero começava a tomar conta. Não havia sinais de arrombamento, e as câmeras de segurança não mostraram qualquer movimentação suspeita. Era como se o pingente tivesse evaporado no ar.

Dias depois da busca incessante, já resignados pela perda do valioso objeto, algo inusitado ocorreu. Durante uma tarde tranquila, enquanto eu observava o jardim da janela do meu quarto, uma coisa chamou minha atenção. No alto de uma árvore, um ninho de pássaros parecia mais brilhante do que o normal. Com a ajuda de binóculos, percebi um brilho conhecido entre os galhos e penas. O objeto estava em um ninho de pássaro, cuidadosamente entrelaçado com galhos e folhas.

Decidido a investigar, peguei uma escada e subi até o ninho. Para minha surpresa e alívio, lá estava o pingente dourado, reluzindo sob a luz do sol. Um pássaro, talvez atraído pelo seu brilho, havia encontrado uma nova utilidade para ele em seu lar.

A ideia de que um pássaro poderia ter levado o pingente parecia absurda à primeira vista, mas era a única explicação lógica. Os pássaros são conhecidos por serem atraídos por objetos brilhantes e, provavelmente, um deles viu o pingente reluzindo ao sol e o levou para seu ninho, confundindo-o com um tesouro natural.

O enigma do pingente dourado foi finalmente desvendado, não por um crime ou uma trama elaborada, mas pela simples e engenhosa ação da natureza. Esse episódio não apenas trouxe o pingente de volta, mas também nos ensinou a olhar além do óbvio e a apreciar as surpresas que o mundo natural pode nos oferecer. Como a joia foi recuperada sem danos, todos na família respiraram aliviados. Essa história se tornou uma anedota curiosa para compartilhar em reuniões familiares.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Quem é a letra L?

Por Rita de Cássia Zuim Lavoyer

Nasceu 02/02/1967. Formada em Economia e Mercado (Salesiano-Araçatuba); Letras e Gastronomia (Unitoledo-Araçatuba); Pós-graduada em Estudos Literários e Linguística (Unesp-Araraquara) e Psicopedagogia (Unitoledo-Araçatuba). Poeta, contista e cronista. Possui 11 livros publicados. Até a presente data conta com 91 classificações em concursos literários nacionais.



Observou através do olho mágico tentando ver quem batera do lado de fora, pois o toc-toc da batida na porta o deixou deveras assustado. Com o olhar fixo naquele olho, retinha a respiração para que nenhum ruído o denunciasse. Afastou-se nas pontas dos pés, espremendo-se todo, evitando que notassem sua presença ali.

Percebeu que a maçaneta girava lentamente, sentia que a porta estava sendo forçada.

De repente, tudo permaneceu silencioso como há alguns minutos, logo ouviu o barulhinho de um papel lentamente sendo passado por debaixo da porta de madeira carcomida. Percebeu um envelope branco sendo empurrado para dentro, despertando os ratos e as baratas que ali transitam livremente. Pancadas do lado de fora e pisados dos coturnos batendo no assoalho marcaram a força de um comando que haveria de voltar.

O homem caminhou até a porta, agachou-se fazendo sofrer seus joelhos antigos e pegou o envelope. Apertando-o entre os dedos, lentamente o ergueu diante de suas vistas. Arrastando seus chinelinhos de quarto, aproximou-se da janela, levantou o envelope até uma faixa de luz que entrava no ambiente, tentando ver o que trazia além do volume em seu interior. Com as mãos trêmulas, receava abri-lo. Colocou-o num dos bolsos do seu pijama e inquietou-se a andar em círculos dentro da sala.

Apertava o bolso com uma das mãos podendo sentir o volume do objeto que estava dentro do envelope. Com a outra tapava a boca para evitar que vazassem os seus sussurros internos e eles o denunciassem. Conteve seus passos e fixou-se no lugar em que parou. Iria abri-lo. Olhou-o atentamente, abriu-o. Dentro também havia uma carta longa relatando sobre **Local**, **Data**, **Nome** e **Assinatura**.

L.D.N.A?!

Desesperado diante daquelas informações, subiu ao sótão da casa, pegou sua caixa de ferramentas e um embrulho antigo; desceu ofegante até o quarto. Pôs tudo sobre a cama e com o auxílio de um pé de cabra forçou o assoalho do armário embutido, arrancando-o. Após extraí-lo, pegou o embrulho e, por uma escada em espiral, desceu naquele compartimento secreto.

Pisava cuidadosamente os degraus, apoiando-se no silêncio que precisava manter. Quando sentiu o piso, tentou lembrar-se da localização do interruptor. Contou alguns passos naquele escuro, bateu a mão na parede e certificou-se de que seus números ainda se mantinham vivos na memória.

Com a gola do pijama, limpou as secreções acumuladas nos cantos dos seus olhos miúdos, apertou-os para que voltassem a brilhar, após mirar a urna que se mantinha com o invólucro intacto. Ela encontrava-se, há décadas, na mesma posição difícil e perigosa de quando a viu pela primeira vez. Sabia da cautela que deveria ter, pois um ato em falso o incriminaria. Não se percebia nada naquele esconderijo, mas ouvia-se o sigilo úmido das águas que corriam pelos encanamentos dos esgotos, e que dividiam aquele espaço com aquela urna intacta.

Andou um pouco mais, aproximando-se daquele segredo. Abriu cuidadosamente o embrulho, pegou dele as luvas que traziam gravadas as iniciais **L.D.N.A.** e calçou-as. O invólucro da urna, já ressecado pelo tempo, possibilitou ser arrancado com as mãos protegidas — critério estabelecido pela célula da qual participara, para tocar aquele enigma —, trazendo junto um fragmento que escorregou de suas mãos. O ruído do objeto tocando o chão fez a espinha antiga daquele homem sentir um frio cadavérico de enrijecer qualquer flacidez senil. Fantasmas rodeavam aquela urna ainda incólume.

Forçou um agachar dolorido para apanhar o objeto. Gemeu uma dor lancinante para colocar-se novamente de pé.

— É uma parte dela, agora posso juntá-las. A chave em formato de asinhas de borboletas que precisava será composta agora! Oh, serei eu! Serei eu!

Havia chegado o momento. A consumação do desejo se realizaria com aquelas informações trazidas pela carta, no envelope.

A emoção de poder abrir a urna sem maculá-la, com a chave que ele montaria, poder ver, tocar o que há anos ambicionava, emitia um tilintar de dentes com dentes da sua dentadura. Um calafrio dominou o corpo do velho que precisou agarrar-se em si mesmo, para controlar os agitos da sua emoção.

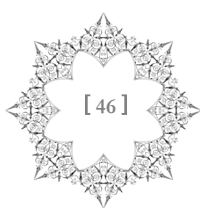
Administrava a sua respiração a fim de pôr rédeas nas palpitações que ecoavam nas paredes da sua alma. Ouviu, então, bater várias vezes na mesma porta que fora forçada. O desespero o dominava; sabendo que não havia mais tempo, levantou-se rapidamente para continuar o seu feito.

— Ah, as ferramentas?! A chave, cadê?! A outra parte, que há décadas venho rastreando, está dentro do envelope branco. Vendi meus patrimônios, paguei detetives, subornei, contratei peritos, me escondi, eliminei comparsas, suspeitos e aguardei! Ah, asinhas de borboleta — dizia com os olhos cheios de satisfação —, ficaram lá em cima, sobre a minha cama. Oh, bendito envelope branco! Tenho que ser rápido antes que o

tempo expire. Ah, maldito código feito com pacto de sangue! Foram vocês **D.N.A.** a causa de tanta demora. Mas — rindo baixinho —, já os apaguei, não há mais registro de nada. Serei rápido. Eu a abrirei. Ah, urna, eu a abrirei, depois vou contar, contarei tudo sem vestígio do D.N.A. Destruídas essas informações, eliminarei essa célula da história.

Na ansiosa subida, o bico do seu chinelinho de quarto bateu na quina de um degrau da escada e não houve como evitar a queda.

Com a cabeça sangrando, o velho soltou um grito inaudível para o tempo, que se encarregará de informar ao mundo, pelo seu cheiro, o local, o segredo da urna e, pelo seu DNA, a identidade da letra “**L**”.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Noite e dia

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



As sombras da noite escondem-me
no seu leque de mistérios e segredos.
A luz diuturna mostra-me na casca
que guarda, a noturna expansão.

Sombras e luz a permitirem e anularam
o vaguear na dissonância de tempo
e espaço... que na desconcertante
dança universal, se incorporam.

E eu a não entender... só a aceitar...
junto à matéria que livre vai,
a estender-me em pensamento...
em energia ondular... mas mínima...

incapaz... ineficaz... imaginativa.
Possivelmente, a fonte pela física
barreira que a casca contém,
não permite... ilusão apenas.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Gentes idas

Por Sellma Luanny

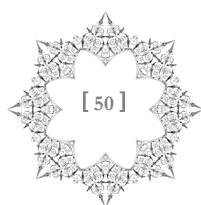
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Dormentes em mim
gentes que idas
nascer-me fizeram...
Permanente inquietos.

Vozes que se foram...
perdidas em eras...
não mais retornam.
Só gemem em mim.

Constante renascer...
de essências apenas...
que se misturam
e habitam em mim.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Cenário a puxar-me

Por Sellma Luanny

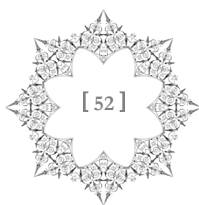
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Aquela montanha em quase simetria
por um pico quase regular, acimada...
em meio a uma fosca luminosidade
de atmosfera em cor amarelo-palha
a transportar-me... ao imaginário...

Que é o passado... do que por ela
transitou... dos animais e plantas
que raízes, lá firmaram... e os humanos
com suas famílias, hordas ou reinos
que a marcaram... energia trocaram...

E aquele cenário a minha mente atrai.
Dali talvez átomos que genes estruturam,
herdei... com enigmas e mistérios
daquela montanha num horizonte
que toda a minha estrutura, envolve.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sonho - o que é?

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Sonho disforme, sem nexo.

Sem significado...

pode ser?

Ou com perfil desconexo,

quem sonha, imagina ter?

Sonho fisiológico...

A mente a limpar-se.

Sonho que vem...salutar.

O depois... a não interessar.

Inconsciente... vida paralela.

O animal a sonhar.

Naquele instante, nada existe.

Nada mais, é.

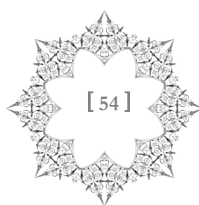
Do eu que se libera,

um corpo submisso.

Enquanto dorme e sonha,

para outras dimensões,

arrebatado é.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O detetive do sertão

Por Urbano Sertão

Urbano Sertão é um poeta popular que nasceu na região de Brejo Santo, interior do Ceará. Começou a escrever pequenos poemas e histórias em cordel, passando depois a escrever contos e crônicas. Começando a publicar seus escritos no site O Pensador, passando também a publicar no Recanto das Letras e Autores.com.br, mantendo o perfil no Instagram: @poeta.urbanosertao e Facebook: Urbano Sertão. Com poemas em quatro antologias e uma coletânea, o poeta escreve sobre o sertão, o amor e a vida.



Na pequena e distante cidade de Melivrai do Sul, na região do Cariri, tudo andava como de costume. As solenes missas de domingo, a feira agitada no sábado, casamentos duas vezes por ano, no civil e na igreja, fila no postinho de saúde, bodegas cheias e igrejas vazias. E tinha o Pedro; ladino e futriqueiro, que andava inventando moda e sabia da vida de todo mundo. Pedro era solteiro, plantava roça de feijão e fazia permutas nas horas vagas. Era boa pessoa, mas que ninguém colocasse o dedo em sua boca...

Pedro vivia de prosa com o soldado Matias, encarregado da segurança e da paz no município, era uma astuta forma de saber dos acontecimentos e “malefeitos” da região. Pedro também era um sujeito prestativo. Certa vez, ajudou a encontrar a mula de Zé Faustino que já fazia dois dias de sumida. A mula tinha se descambiado “pros” lados do açude de Chico Danta e ficado por lá, quietinha no meio da taboa. Quando perguntaram ao Chico como foi que ele encontrou o animal, ele falou que eram mistérios do ofício. Cada qual no seu lugar, disse ele.

Noutro dia, Pedro confidenciou ao seu amigo, soldado Matias, que Noca, mulher de Benço, andava cozinhando para fora de casa. Ele sabia até com quem era, mas não se atreveu a entrar na intimidade dos outros, repetiu que roupa suja se lava em casa, e se dependesse dele, Melivrai do Sul continuaria em paz. Mas Matias ficou de sobreaviso para o caso de acontecer algum infortúnio. Naquela região, costumava-se lavar a honra com sangue. Certa vez, Damião, lá dos baixios, estava com os tomateiros morrendo, as ponteiros das folhas estavam murchas e viradas para baixo. Sua fonte principal de renda estava comprometida. Como não tinha recursos técnicos nas proximidades, chamou Pedro para descobrir o que fazer. Pedro chegou até a horta, deu uma caminhada em volta das plantas e falou:

— Olhe! “Seu” Damião, eu até faço uma ideia do que está acontecendo aqui. Mas só posso lhe dar uma resposta certa em vinte e quatro horas.

— Está bem, Pedro. Eu aguardo sua ajuda. — Respondeu o preocupado agricultor.

Mas Pedro sabia lá era de nada, ele foi até a lojinha dos correios, onde tinha um computador, e pediu para sua prima Cida procurar uma resposta para o caso. Com tudo impresso em sua mão, leu o que ele precisava e voltou para o sítio de Damião, falando:

— Boa tarde, “Seu” Damião, vim lhe trazer a resposta. Tem um vírus atingindo seus tomates. Você tem que arrancar todo pé de tomate contaminado, queimar, e aplicar “tal” produto, nessa quantidade, que os seus tomates vão vingar de novo.

— E é Pedro? — respondeu alegre o agricultor. Então eu vou fazer isso. Quanto é o seu trabalho?

Pedro cobrou dois frangos e um molho de coentro, e quando os tomates se arribassem, uns três quilos já estariam de bom tamanho. Juntando com um cozido de feijão da sua colheita, já dava um prato.

Mas a fama de Pedro aumentou foi com o mistério do sumiço dos chapéus. Foi procurado por “Seu Neco”, da mercearia, para descobrir por que todo o chapéu masculino da cidade estava sumindo. Os bonés da rapaziada e os chapéus das moças não sumiam, mas os chapéus dos homens desapareciam misteriosamente. Pedro disse para “Seu Neco” que ia aplicar ciência no caso e depois falaria com ele. Andou pela praça, conversou com quem tinha perdido o chapéu e decidiu se dedicar à solução do mistério.

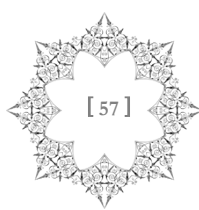
Depois de dois dias especulando, Pedro conversou com Jurema, filha do falecido Senhor Jeremias, e pediu para fazer uma visita na casa, agora vazia, do seu falecido pai.

— Tudo bem, Pedro. Eu lhe dou as chaves e você vai lá quando puder. — Respondeu Jurema, prestativa.

Depois da visita à velha casa quase vazia, Pedro solucionou o mistério. O falecido Senhor Jeremias tinha um cachorro Boca-Preta Sertanejo, chamado Valente. Pedro descobriu que o Senhor Jeremias mantinha o costume de, chegando em casa, jogar o chapéu para que Valente o guardasse, o que o cachorro fazia com prazer e precisão. Morando o sertanejo sozinho e tendo falecido, o cachorro ficou meio perdido e passou a perambular pelas estradas, muitas vezes chegando até a pequena cidade. Como Valente, esperto, misturava-se com outros cachorros e era ligeiro que só preá, não era percebido quando abocanhava um chapéu errante e levava para a casa de seu antigo dono, guardando todos no mesmo lugar em que guardava o chapéu do velho Jeremias.

Pedro, entrando na casa e percorrendo alguns cômodos, encontrou uma pilha de chapéus em um canto do quarto. No outro canto, cochilando, estava Valente, que não estranhou a entrada do rapaz, permanecendo deitado. No outro dia, com uma pilha de chapéus na praça da cidade, Pedro atraía os distintos cavalheiros, chamando-os para que cada um reconhecesse o seu chapéu. Perguntado como descobriu o feito, Pedro falou que isso era coisa de disco voador, e que não deixassem seus chapéus em lugares baixos.

Com mais este caso resolvido, o matuto saliente Pedro confirmou sua fama de cabra entendido em Melivrai do Sul e região, ficando responsável por desvendar os mistérios e demandas do sertão local.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Investigação artificial

Por Urbano Sertão

Urbano Sertão é um poeta popular que nasceu na região de Brejo Santo, interior do Ceará. Começou a escrever pequenos poemas e histórias em cordel, passando depois a escrever contos e crônicas. Começando a publicar seus escritos no site O Pensador, passando também a publicar no Recanto das Letras e Autores.com.br, mantendo o perfil no Instagram: @poeta.urbanosertao e Facebook: Urbano Sertão. Com poemas em quatro antologias e uma coletânea, o poeta escreve sobre o sertão, o amor e a vida.



Matheus, geração Z, em seu tempo livre assistia a muitos episódios de séries de investigação criminal. Ele amava a forma como seus heróis colhiam vestígios, andavam armados e usavam a inteligência para desvendar crimes, mistérios e contravenções. Naquela noite, surgiu uma grande ideia: criar um perfil investigativo em sua rede social preferida e assim teria conhecimento e diversão como recompensa.

O jovem criou o perfil “Investigação e Fatos”, com uma lupa e uma pistola na foto e um aviso de que atenderia somente por mensagens de texto. Até sua gata tigrada, Mila, parecia gostar da ideia, parada em frente à tela ou andando à sua volta. Passaram-se dias até os primeiros contatos, em geral era alguém buscando dicas ou pedindo preço de serviços. Matheus usava uma plataforma de IA para responder perguntas ou solucionar situações que ele desconhecia, e respondia às mensagens com textos ou com uma voz simulada na plataforma, voz de locutor. Sua primeira interação foi:

Mensagem: Boa noite. Poderia me informar sobre o valor cobrado para encontrar um pet?

Matheus: Boa noite. Isto aqui é um escritório de verdade. Não procuramos animais, até mais.

Mensagem: Mas ele é como se fosse da família!

Matheus: Até logo, boa noite. (bloqueou)

Mila levantou-se bruscamente, parecendo não aprovar a atitude do tutor.

Em outra noite de redes sociais, jogos e chamadas de vídeo, Matheus recebeu uma mensagem diferenciada em seu canal investigativo. Era um perfil de mulher, preocupada com o desaparecimento de seu namorado, Oliver. Pelas informações passadas, Oliver havia desaparecido há quatro dias, não atendia ligações e nem respondia mensagens, não havia pedido de resgate, e sua mãe, Michele, também não sabia do seu paradeiro. As autoridades locais não deram a devida importância aos fatos, levando a contratante a optar por uma investigação particular.

Matheus aceitou o caso. Sua cliente queria um relatório a cada dois dias, com os possíveis avanços na investigação. Agora sim, ele sentia-se o verdadeiro Sherlock, e até pediu um adiantamento para “possíveis gastos com a operação.” A mãe de Matheus costumava dizer que ele era “afoito”. O rapaz não sabia bem o significado da palavra, mas achava que tinha a ver com suas recentes atitudes. Tudo bem, o “escritório Investigação e Fatos” havia enfim começado sua atuação.

Nos dias seguintes; respostas, relatórios, pagamentos e novas pistas, Matheus encontrava-se atarefado com a escola, estágio e sua recente atividade de investigação. Não sobrava tempo para mais nada. Mesmo com a correria, sentiu-se paranoico. Parecia que o investigado era ele. Às vezes encontrava sua rede social ou e-mail abertos, chamadas telefônicas que não respondiam e muitos serviços de manutenção à sua volta. Mas estava tranquilo, sabia que, agora um detetive, seus instintos estavam apurados para todas e quaisquer informações possíveis, e isso explicava a sensação de estar sendo vigiado.

— Bom dia, Matheus, o que vai fazer hoje? — Era Renan, um amigo próximo.

— Bom dia, Renan. O de sempre. Por que você me parece preocupado demais comigo?

— Que é isso, Matheus, nós somos amigos!

Renan, amigo de Matheus, estava mais empenhado que de costume em se comunicar com ele, fazia visitas e perguntas, e isso fez com que Matheus fizesse uma consulta processual online em seu nome. Não obtendo o resultado esperado, consultou um advogado, que, depois de algum tempo, lhe deu a seguinte resposta:

— Olha, Matheus, eu encontrei vestígios de uma investigação de rotina no seu nome, mas não tive acesso ao processo. Assim que souber mais, eu te ligo.

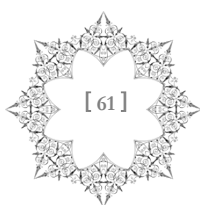
Começou a preocupação. Matheus pensou em ir ao ministério público ou a uma delegacia para ver se tinha alguma pendência em seu nome, mas, passado o primeiro momento, conformou-se e continuou sua vida, de dia, na escola e no estágio; de noite, no computador e investigação. Na manhã seguinte, recebeu uma intimação da polícia civil para comparecimento no prazo de dois dias. Na delegacia, o delegado explicou que Matheus estava sendo investigado por um órgão estadual de combate à falsidade ideológica. Que tinham provas materiais contra ele e que sua contratante, na verdade, era uma policial, procurando obter respostas sobre sua possível contravenção ou crime, de se passar por um profissional habilitado.

Mais tarde, o mesmo advogado consultado falou que a equipe de investigação civil não tinha motivos para prender Matheus, e que ele seria chamado para prestar esclarecimentos, e teria que devolver o dinheiro recebido pelo adiantamento da investigação, e que Renan, seu amigo, havia sido contatado pela equipe, e que foi pressionado para dar informações sobre ele. Menos mal, a gata Mila não gostava muito do Renan e parecia que ela estava certa.

Mesmo sendo descoberto, Matheus havia passado dias se fazendo de detetive, e isso o instigou. Parecia muito bom! Agora estava indeciso entre a possibilidade de parar com as atividades ou criar um novo perfil, desta vez com mais cuidado, e continuar sua procura por aventuras e conhecimentos. No final de toda a história, ele achou que obteve bons resultados durante sua experiência. Duas noites depois, Matheus estava criando o “Chronos Mt Investigações”, com e-mail próprio, perfil nas redes sociais e prometendo resultado e confidencialidade. Até convidou o Renan como ajudante aprendiz, Mila não seria contra. Já tarde da noite, a equipe recebeu uma nova mensagem:

Mensagem: Boa noite, vocês aceitam casos de infidelidade?

Chronos: Boa noite, senhor. Você está falando com a pessoa certa...



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI